

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 RÉIS

ANNO I

REDAÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 14 de Julho de 1887

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 53

EXPEDIENTE

E' nosso agente em toda provincia o sr. F. d'Almeida Garrett.

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos enviarem o importe das assignaturas pelo correio.

Os Srs. assignantes poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIAO.

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 14 DE JULHO DE 1887.

A Bastilha historica

Quando em 1776 a America proclamava a sua independencia, o parlamento francez declarava que era um ataque a constituição da França obrigando todos a pagarem impostos, por isso que ella estabeleceu que o clero contribuiria com suas orações, a nobreza com sua espada e o terceiro estado, isto é, o povo, com o seu dinheiro. De sorte que o povo era o burro de carga, e todas as vantagens sociaes, privilegios, empregos e posições pertenciam ao clero e á nobreza.

Dahi nasceu um mal estar geral que acabou pela revolução de 14 de Julho de 1789, destruindo-se a celebre Bastilha, que representava o despotismo da epocha.

Dahi nasceu tambem o grande acto de 26 de Agosto de 1789: DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO.

As sociedades de então que se viam opprimidas e atrasadas pelo despotis-

mo, pelos privilegios de carta e de classe, comprehendem os seus direitos e por sua vez reagiram reivindicando-os.

E' por isso que Duport dizia: *Nós queremos fazer uma declaração de direitos para todos os homens, para todos os tempos, para todos os países e servir de exemplo ao mundo.*

Entretanto, nós brasileiros, conhecemos o facto, temos sido já tocados pelos seus reflexos; mas ainda mantemos a ESCRAVIDÃO que equivale a muitas BASTILHAS, e que é por conseguinte a maior negação dos direitos do homem e do cidadão.

Que praser, que alegrias poderemos sentir nós com o grande acontecimento de 1789, se mais de meio milhão de nossos patriotas gemem debaixo do captivo, regando com as suas dores, com as suas lagrimas a vida nacional!

Brasileiros, attentai para a grandeza, para a sublimidade dos acontecimentos que este dia recorda; olhai para a immensidade do territorio que vos cerca, para as incalculaveis riquezas que a natureza aqui derramou, e vede se é possível obter a felicidade e a grandeza da patria, no meio de tantos recursos, mantendo a escravidão.

Libertai, pois, vossos escravos, se quereis honrar vossa patria, e vinde connosco entoar um himno de gloria ao povo francez.

14 de Julho

Hoje festejam os francezes a grande revolução que veio fortificar a idéa da liberdade no mundo inteiro.

Em 14 de Julho de 1789 o povo francez, ergue-se altivo como um leão, e derrubou a mais temerosa e sinistra prisão da idade média.

E' porque o povo francez tinha sabido unir se em torno da idéa de liberdade, sem distincção de classes e nem de seitas.

Predominava uma energica idéa: assaltar e destruir o negro antro do absolutismo, derrocando os privilegios!

A grandiosa aspiração do povo francez era abençoada por Deus, e o estandarte da liberdade, igualdade e fraternidade, ergueu-se altivamente, para honra da França.

A tomada das *bastilhas brasileiras*,

será mais difficil do que a destruição da *bastilha franceza*.

Lá havia a vontade despotica de um rei que sustentava uma unica bastilha; aqui, existem milhares de despotas *escrovoceiras*, que sustentam de pé as terriveis bastilhas denominadas—fazendas.

Nós, os abolicionistas, pondo de parte o espirito de classe, de seita e de partido, devemos seguir o nobre exemplo do povo francez, e derrubar immediatamente as *bastilhas do Brazil*.

Unamo-nos em torno da idéa de liberdade, porque os prisioneiros que vamos libertar, são as infelizes victimas innocentes, da mais barbara instituição—a escravidão.

Essas victimas, não foram encerradas pelas suas faltas; mas, unicamente porque são ignorantes e não tem forças nem energia para defenderem se ante o ignominioso crime da pirataria.

Derrubemos essas *bastilhas* que encerram mais de um milhão de brasileiros innocentes, cujas preces balbuciam entre os gemidos provocados pelos castigos aviltantes que soffrem, fazem descer a maldição do céu, sobre a nossa patria.

Christo, o divino mestre deu o seu sangue para salvar a humanidade e nós, abolicionistas, temos o dever de dar o nosso sangue para salvar o Brazil.

Que o dia 14 de Julho de 1889, ao menos, seja sagrado, não só a saudar o centenario da grande revolução franceza; mas, tambem para plantar definitivamente a bandeira da liberdade no Brazil e reconhecidos os direitos do homem preto, como os do homem branco.

Que na aurora daquelle dia, si não fór possível antes, se descortine no céu radiante do Brazil, a luminosa legenda:—*Liberdade aos captivos*.

Si não podermos attingir a esse resultado com a propaganda santa das nossas idéas, pela evolução moral desse povo, emfim si não podermos attingir a essa solução de um modo innocuo, por uma estrada coberta de flores; havemos de impôr a solução infelizmente por uma estrada coberta de sangue, pela revolução.

Quando a revolução é movida por uma idéa tão nobre, um fim tão santo, um objectivo tão christão, é um meio legal de manifestação do povo, é um facto abençoado por Deus.

O clero de S. Paulo e a abolição

O movimento abolicionista na briosa provincia de Pernambuco, caminha tão lisongeiro para o patriótico desfecho desta disputada questão, depois que o virtuoso Prelado, resolveu collocar-se na suprema direcção, que entristece, assistir á frieza com que o clero Paulista está correspondendo ao apello do venerando e estimadissimo D. Lino.

A imprensa da Corte registra todos os dias, não só libertações em massa, devidas á influencia evangelica da resolução tomada pelo illustre Prelado Olindense, como vivas e fervorosas provas de obediencia, solidariedade e união com o seu Pastor dadas pelo clero, que tambem quasi em massa derrama a mãos cheias cartas de liberdade para seus escravos.

Não podemos negar que o apello do distinctissimo D. Lino tem encontrado a devida acquiescencia por parte de alguns vigarios, constando-nos que tem feito ofertas á Caixa Pia.

O que nos entristece é porém que os vigarios Scipião, de Campinas, o vigario Souza e Oliveira, de Santos, o vigario Cypriano de Souza, da Limeira e o padre Francisco de Abreu Sampaio, que nos informam serem possuidores de escravos, não tivessem já procedido como sacerdotes de Christo, reparando os males que tem feito a esses infelizes de quem foram os algozes de sua liberdade, em vez de Paes espirituales de seu destino em nome dessa religião que tem uma verdade só.

Podiamos alludir a outras porções do clero, de onde já deviam ter partido manifestações de adhesão e concurso directo, immediato e dedicado ás manifestações praticas dos sentimentos do Augusto Prelado de S. Paulo, de quem nos conhecemos; dolorosa, pungente e acerante, é que ha na Diocese de S. Paulo, espinhos difficeis de ser quebrados!

O que podemos affirmar é que o coração misericordioso de D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, que parece ter sido votado pela Providencia para com a doçura da caridade evangelica aplacar a ira que a escravidão espalhou em tudo, e preparar um clero novo para entrar na sociedade do futuro, hade colher mais cedo ou mais tarde as justas consolações a que tem direito.

O Augusto Prelado de S. Paulo atravessa neste momento o interior da provincia, levando a palavra de Deus aos povos, onde a escravidão mais fundou seus alicerces.

Abolicionistas sinceros, oremos todos, pela saude e paz do nosso santo Bispo.

«A Redempção»

Não temos premios aos nossos assignantes, nunca pedimos a quem quer que fosse assignaturas para o nosso jornal.

Usamos de uma linguagem tosca. A nossa revisão é pessima.

No entretanto o jornal de mais circulação, actualmente, n'esta provincia, é *A Redempção*.

Ou a idéa abolicionista, infiltrou-se em toda a provincia, ou a linguagem da verdade é procurada por todos.

O nosso jornal não faz elogios, não dá chegada nem sahida de jornalistas, commerciantes e titulares.

O nosso jornal não vive de annuncios, não é uma empresa especulativa, é apenas uma folha de propaganda.

Si o merecimento de uma folha, vem do grande numero de assignantes e de sua circulação, podemos affirmar que a folha de mais circulação n'esta provincia é *A Redempção*.

Não temos assignantes nos paizes estrangeiros, nem para esses logares mandamos folhas.

N'esta capital só permutamos com as folhas estrangeiras, com o *Diario Popular* e *Gazeta do Povo*.

Por tanto, o grande numero de folhas que remetemos pelo correio, que é justamente o duplo do que remette a *Provincia de S. Paulo*, é a prova mais cabal de que a nossa folha tem sido mais aceita, com 52 numeros, do que tem sido todas, que se publicam ha muitos annos nesta provincia.

Nunca o redactor desta folha, foi jornalista; escrevinhador secundario, não é portanto a elle que se deve á circulação da folha, mas sim á idéa que hoje é do povo.

os nossos collegas que to e reclame para os annuncios, porque não os admittimos na nossa folha, seão na quarta pagina.

Kermesse

Domingo, o Congresso Abolicionista Academico realiza uma kermesse importante no Jardim Publico d'esta Capital como se vê do programma publicado na secção competente.

A commissão organisadora compõe-se dos srs. V. Silva Ayroza, Arthur Ribeiro, Arthur Guimarães, e João Fleury.

— Oh! não é por ventura bella, encantadora, minha casa, a minha querida casa? perguntava ella a Miss Ophélia. E' bella, é admiravel esta entrada! não é verdade?

— Mas sim, é bonito; diz Miss Ophélia, descendo da sége, posto que o aspecto seja um pouco antigo, e algum tanto pagão.

Thomaz, havendo descido do seu assento na boleia, contemplava tudo á roda de si, com um ar de profunda e tranquillidade satisfação. E' necessario trazer á lembrança que a raça preta pertence ás mais ricas, e ás mais esplendidas regiões da terra, e encerra em seu peito a paixão de todas as cousas ricas, brilhantes, e poeticas. Esse gosto natural, que só vimos ordinariamente quando elle está ainda meio barbaro, procurava-lhe muitas vezes o desprezo e a zombaria das raças septentrionaes, mais frias e mais correctas.

Saint-Clair, que adorava no fundo d'alma a poesia e a belleza, sorrio da censura de Miss Ophélia, e virando-se para Thomaz, cujo negro rosto resplandecia de admiração:

— E tu, meu velho, parece que isto não te desagrada?

— Ah! senhor! é a mais bella cousa que tenho visto!

Estas palavras diziam-se em quanto se descarregava a sége, chegando ao mesmo tempo ao pateo uma multidão de homens, mulheres e crianças, que vinham de todos os lados para ver o seu senhor.

(Continúa.)

FOLHETIM

(53)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XV

Que trata do novo senhor de Thomaz e de diversas outras cousas.

Eva, toda radiosa, indicava com o dedo os zimbórios, as torres, e os bem conhecidos monumentos da sua cidade natal.

— Sim, minha cara, é muito bello, diz Miss Ophélia; mas, pelo amor de Deus! aonde está seu pai? exclama ella, no momento em que o vapor deu fundo.

No mesmo instante rompeu esse tumulto que acompanha os desembarques: os criados cruzavam-se em todas as direcções, os mariolas disputavam-se as bagagens dos passageiros, as mulheres chamavam pelos filhos, e uma multidão compacta se apinhava no logar do desembarque.

Depois de haver arranjado na melhor ordem os diferentes volumes da sua bagagem, Miss Ophélia, com o seu feixe de chapéus de sol na mão, assentou-se sobre uma mala, bem decidida a defender a sua propriedade até ao extremo.

— Quer que leve a sua mala, minha senhora?

— Vou descer a sua bagagem?

— Deixa-me levar as suas cousas, minha senhora?

— Deixa-me levar as suas cousas, minha senhora?

Era o que lhe repetiam de toda a parte; mas ella, tão direita como uma sentinella ingleza, respondia a todos estes offercimentos de modo a intimidar um proprio bolieiro de seges d'aluguel, repetindo a cada instante: que não podia imaginar aonde estava seu primo; que era impossivel que não lhe tivesse acontecido alguma desgraça! Começava já seriamente a inquietar-se, quando o indolente Saint-Clair appareceu, comendo tranquillamente uma laranja, de que deu metade a Eva.

— Então, prima Vermont (1) já está prompta a partir, pelo que vejo?

— Ha mais d'uma hora que estamos á sua espera! já começava, deveras, a inquietar-me!

— Bem! a sége está á nossa espera, a bulha e a multidão estão já um pouco dissipadas, de modo que agora poderemos desembarcar d'um modo decente e christão, sem sermos machucados! Olá, rapaz! diz elle a um dos mariolas, encarregado de fazer levar para terra toda essa bagagem.

— Sempre quero vêr como elle leva isto! diz Miss Ophélia.

— Deixe-se d'isso, é inutil! lhe diz Saint-Clair.

— Em todo o caso; sou eu que levarei isto, e este cartão de chapéu, diz Miss Ophélia, amparando-se de tres volumes, um em cada mão, e outro debaixo do braço.

(1) Nome do Estado d'onde ella vinha.

— Minha cara amiga, diz Saint-Clair, essas maneiras são boas lá nas Montanhas-Verdes; mas é necessario que se decida a adoptar um pouco os nossos costumes meridionaes.

Quem a vir carregada por esse modo, tomal-a-á por uma criada! Vamos, dê tudo isso áquelle moço, e fique descansada que o levará com tanto cuidado, como se fossem ovos.

Miss Ophélia vio com desesperação seu primo arrancar-lhe os seus thesouros, e só ficou tranquillizada quando os achou todos bem acondicionados na sége.

— Aonde está Thomaz? perguntou Eva.

— Sobre o assento, ao pé do bolieiro, lhe responde Saint-Clair.

Vou fazer d'elle uma offerenda propiciatoria a tua mãe, para lhe fazer esquecer o bebado do bolieiro, que ultimamente fez tombar a sége em que ella ja.

— Oh! Thomaz será um excellent bolieiro, e que nunca se embebedará, estou certa! diz Eva.

A sége parou á porta do palacio Saint-Clair, de construção exotica, meio francez, meio Hespanhola, como se vêm ainda alguns na Nova-Orléans. Era um enorme edificio quadrado, com um espaçoso pateo no centro, aonde a sége entrou, passando por uma porta abobadada, de estylo mouresco.

Uma imaginação ideal e pittoresca parecia haver traçado o plano d'este edificio.

Dos quatro lados se estendiam vastas galerias, cujas arcadas, ligeiras columnas, e graciosos arabescos, levavam a imaginação a esses tempos poeticos em que as phantasias orientaes reinavam

em Hespanha. No meio do pateo se elevava aos ares em repuxo, que vinha cahir n'um tanque de marmore branco, guarnecido d'uma espessa bordadura de violetas. Myriadas de dourados e prateados peixes brincavam nas suas limpidas aguas, scintillando aos raios do sol, como outras tantas joias vivas.

Uma sémita, calçada d'um mosaico em pedrinhas de diversas cores, d'um desenho phantastico, e bordada de aveludada relva, contornava o repuxo, ao mesmo tempo que uma rua, coberta de fina areia, para uso das séges, rodeiava este taboleiro. Duas grandes laranjeiras, cobertas de flores, espargiam quasi tanta sombra, como aroma; vasos de marmore branco lavrados, circundando o taboleiro, sustentavam as mais belas plantas dos tropicos. Enormes, e coposas romeiras, com as suas lustrosas folhas, com as suas flores escarlates; o jasmineiro arabe, cujas prateadas estrellas recadem sobre uma fo hagem sombria; os gerânios, as roseiras, vergando sob o peso de suas flores, o jasmim dourado, a cheirosa verbenha, misturavam as suas cores, e os seus aromas; ao mesmo tempo que a triste piteira, com as suas longas folhas massiças e verdeneiras, parecia uma d'essas enormes aranhas, que lá do fundo do seu buraco tem visto succederem-se, voltijando ante ella, gerações de formosas borboletas, rivas de flores.

Cortinados d'um estylo mouresco, circundando a galeria, interceptavam, á vontade, os raios do sol; n'uma palavra, esta morada era tão rica como romantica. Quando a sége entrou no pateo, Eva parecia um passarinho des-joso de fugir da sua gaiola, tão impaciente de chegar.

A raça negra

A escravização do negro proveio do atrazo dos povos dessa raça, habitantes da Africa, e da ganancia dos brancos, e não da inferioridade da raça.

Os africanos são povos ignorantes, e avesados á barbaridades e á injustiças, mas não se segue por isso que devamos escravizal-os.

A raça branca civilisada poderia estender os beneficios da civilização até as Costas da Africa; podia ser povoado o Brazil com negros, estabelecendo-os sob o regimen do trabalho livre; mas tudo isso sem commetter a maior iniquidade e o maior attentado que se conhece—a escravidão do homem.

Dizer-se que a escravidão é natural, porque a raça negra é inferior, porque a religião ou a biblia legitima a escravidão é desconhecer os principios eternos de justiça e de direito, é desmerecer os proprios intuitos da religião.

A escravidão do homem só poderá sustentar quem estiver habituado a viver do alheio trabalho, quem entender que ha duas justiças, dous direitos, o do mais forte e o do mais fraco, e quem afinal for refractario ao progresso social.

Para se avaliar o que vale a raça negra basta lembrar que ella resiste mais as intemperies do tempo e aos soffrimentos da vida; basta lembrar que no centro e oeste da Africa acha-se espalhada uma raça chamada *fula* ou *felata*, que se supõe ser uma mescla da raça branca e da raça negra, cujos individuos são altos, robustos, de cor avermelhada, e de intelligencia bem desenvolvida.

Sem irmos tão longe buscar importantes representantes da raça negra, volvamos um pouco os olhos para a nossa sociedade e ahi encontraremos em todas as classes, nas letras, nas artes, nas industrias, e na politica, descendentes proximos ou remotos de tão explorada e martyrisada raça negra.

Si, com effeito, a escravidão fosse licita e os negros fossem talhados pela Providencia para serem escravos dos brancos porque não são humildes e tímidos os seus descendentes?

Porque um Cotegepe, e outros são tanto ou mais ativos que os brancos? Eis ahi a equaldade de raça, differença?

Portanto, quem sustenta a equaldade da raça negra mente, e mente só no intuito de exploral-a.

Quem poderá sinceramente, com a mão na consciencia e a fé em Deus, negar que a abolição immediata e gratuita da escravidão é um dever da nação brasileira, imposto não só pela justiça, mas pela grandeza futura da patria?

Quererá o 3º reinado, fortalecendo o ultramontanismo, fortalecer tambem a escravidão retardando o desenvolvimento nacional?

Talvez.

Elogios e mais elogios

Ha quatro annos, o dr. Raphael Tobias de Aguiar e Castro, para que os abolicionistas não libertassem todos os seus escravos, concedeu liberdade condicional a muitos, e entre esses a Vicente e Theodora.

Ha um mez e tanto, Vicente e Theodora, concluíram com a prestação de serviços, e o sr. Raphael Tobias, não fez mais do que passar uma quitação desse facto.

Entretanto, os jornaes desta capital teceram enormes elogios a esse doutor, afirmando que elle libertara dous escravos, independente de qualquer indemnização.

Nós apreciamos muito o dr. Raphael Tobias e até o temos em conta de amigo, mas como temos timbre em só escrever a verdade, fazemos esta rectificação, para o povo não ser illudido, tendo o dr. Raphael Tobias como um benemerito, quando o não é.

Quando o dr. Raphael Tobias, libertar os escravos que matriculou e que, á esta hora estão no Amparo, soffrendo frio e fome, para engrassar com o producto desse trabalho, as rendas do doutor, nós seremos os primeiros em declarar que o dr. Raphael Tobias é um benemerito.

Esta série de elogios extemporaneos que os jornaes dispensam a torto e a direito é que tem feito a imprensa desta provincia perder completamente a reputação.

Nós e o «Thabor»

O artigo, a que promettemos resposta e inserto no *Thabor* de 6 é o seguinte:

ORDEM 3ª DE S. FRANCISCO

Resurgio o pomo da discordia nesta veneravel corporação.

Até aqui todas as arengas eram baseadas no Compromisso; agora o Compromisso é nullo pleno jure!

Levou-se um bom par de annos para fazer esta descoberta.

Pobres commissarios que vão outra vez ser pregados na cruz.

A maior desgraça deste mundo é o homem não se conhecer e julgar que faz de figuração, quando se está dando ao disfructe.

Resurgio, portanto, o pomo da discordia na marcha do governo da Diocese e da paz da Igreja.

Sempre pensamos que depois de ter procurado, excitar ciúmes e rivalidades, entre o Exmo. e Rvdmo. Sr. Vigario Geral Dr. Francisco de Paula Rodrigues, que nunca deixou de o ser, e o finado Chantre Antonio José Gonçalves, a quem quiz a todo o transe constituir n'este cargo quando foi sómente Pro-vigario Geral, o *Thabor* já se tivesse corrigido com as lições que lhe deo o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, reagindo, contra a intriga e o desrespeito nas suas proprias columnas e ainda dando a esse preclaro sacerdote a subida distincção de trocar com elle officios, que são testemunhos inequívocos de apreço e consolidação de confiança sempre mantida, e se limitasse assim torcido a defender a causa da Igreja, em uma esphera doutrinal e elevada, com o espirito evangelico, sem paixões, ou sentimento de organizar partidos, em torno de velleidades de padres feridos em seu orgulho e vaidade.

Infelizmente vemos nesse artigo escripto em forma de pilheria de saloio uma nova provocação no intuito de trazer agitada a existencia de uma tão distincta corporação, victima da impostura dos padres.

Os nossos leitores, devem ter reconhecido o penoso labor, a que nos dedicamos compulsando os dados historicos da corporação, para demonstrar a causa das desintelligencias, que ali tem havido, sem alvos pessoas e sem que tambem um só sacerdote, capaz de por seu prestigio e consideração abalar o que dissemos, apparecesse em publico para contestar-nos.

No fim quasi da nossa tarefa resurge o algar de quem Terceira, e andador dos

escrever a historia das brigas, dos ciúmes, das conspirações, das rivalidades, e precedencias, que com desrespeito da autoridade religiosa, deram-se nos ultimos sete annos com magoas e supplicios moraes, de um virtuosissimo Bispo e provocações continuas de um martyr da vigararia geral, tendo a Ordem Franciscana sido transformada em um dos pontos de estrategia.

A impostura e a deficiencia de educação ecclesiastica de certos padres fatuos, tiraram-nos todas as illusões.

O padre é um homem como qualquer outro.

Estamos dispostos a lutar com adversarios em uma porfia sem tregoas e não seremos os primeiros a dizer: basta!

Tal é o extremo a que nos levaram repetidas provocações, de lobos sagrados.

Vamos dar uma unica explicação ao publico que importa em synthese do que já temos dito.

A posição que o Bispo D. Manoel exerceo na Ordem Terceira, excoitou a inveja dos padres seus subalternos, que para satisfazer a em 6 de Março de 1854 ob e subrepticamente, pelo Commissario e outros elaboraram um Compromisso contendo este artigo 12:

«Ao Commissario compete:

Presidir as Mezas Juntas e Funções da Ordem, dirigir os seus trabalhos conjuntamente com o Irmão ministro, tendo voto consultivo, electivo e decisivo.

Sem o Reverendissimo Commissario, ou quem faça suas vezes não se pôde reunir meza e todos os seus actos são nulos.»

O Provincial da Ordem não tem este poder que os padres de S. Paulo tem querido exercer!!!

Alem disso este artigo abre conflicto com a disposição do artigo 46 § 5 do decreto n. 834 de 2 de Outubro de 1851.

Vae tambem de encontro ao regimen colectivo de administração por mandatorios em que os poderes amplos pertencem á assemblea geral, nos termos do decreto n. 2711 de 19 de Dezembro de 1860.

E para manter, no governo e administração que pertence á temporalidade das instituições, o regimen de poderes absolutos do padre que se tem feito um grande barulho contra a Ordem Terceira.

Se este é o direito, os factos não são menos expressivos.

Vagando o cargo de Commissario em

Outubro de 1882 duas vezes a Meza re-metteo proposta para seo preenchimento ao Provincial da Ordem.

Na segundo recusou-se elle a aceitar, e mandando dizer ser nullo o Compromisso, por não conter a sua approvação nomeou seo delegado o Sr. dr. João Jacintho Gonçalves de Andrade que desde esse tempo está de tudo informado e tem se envolvido nos negocios da Ordem.

Consta nos, que esse sacerdote, ao saber do artigo do *Thabor*, incontinentemente officiou á Meza solicitando demissão, e declarando que ha dous mezes já o havia feito ao Provincial.

Não sabemos se esse sacerdote vio-se atropellado e dominado pela pressão dos que querem este regimen, faltando-lhe por isso coragem para realizar o *empenho que contrahira com o Provincial!*

De nossa parte, cooperámos sinceramente para lhe aplinar as difficuldades e se rompemos com o seu procedimento, declarando haver lei v gente na Ordem, vimol-o ditas depois recuar o mandar pedir o projecto.

Ligado como se acha elle aos negocios da Ordem com uma responsabilidade directa e quasi principal, seria carestia de generosidade de nossa parte alongar a discussão, a vista da resposta por elle dado ao *Thabor*.

Só podemos tratar da questão do Compromisso se o sabio lente de direito ecclesiastico vier a publico dar alguma explicação.

Foi o *Thabor* quem imprudentemente, agitou questões pela imprensa sobre a Ordem Terceira.

O Provincial está de posse de todos os nossos escriptos e quer que se faça um Compromisso legal.

E' chegado o momento de perguntar ao *Thabor* quem tem sido o desfructavel?...

As Ordens Terceiras serão egrejas isemptas sómente para nellas figurarem os padres aproveitando-se disso, para muitas vezes fazerem figas ao seo Bispo ou ao seo Vigario Geral ou para viverem tambem em legitimas relações com o seo Prelado Regular?

O publico tem olhos para ver e criterio para apreciar.

Se o *Thabor* quer aproveitar-se da ausencia do Exm. Sr. Bispo para voltar ao antigo systema engauaa-se.

Póde distribuir qualificativos, porque a sua competencia tem por legitimidade o ridiculo de suas pretensões autoritarias.

E para repellil-o basta lembrar-lhe que é um chefe de imprensa, que ainda não recebeu uma só distincção official, e nem foi lembrado para coisa alguma na Diocese.

Porém, não se trata de se discutir a verdade estamos a perder o tempo!

Que distracção!

Ninguém fallava mais no *Thabor* e elle quer secca a nossa custa.

Temos mais que fazer.

Manifesto republicano

Não lêmos o manifesto que o Congresso Nacional Republicano dirigiu ao povo.

Lêmos, porém, as considerações que a este respeito fez a *Gazeta de Notícias* no seu numero de 11 do corrente.

Parece que esse manifesto, promette a liberdade dos escravos ou por outra a abolição total da escravidão no Imperio, no espaço de dous annos.

Até hoje, a abolição da provincia de S. Paulo tem sido movida, não pelos republicanos, mas por homens que congregados, sem principio politico, trabalham pelo extermínio da escravidão.

Quando se reúnem estes apostolos da liberdade, não se quer saber a que politica pertence cada um delles.

Todos cheios do espirito da verdade trabalham pela causa mais santa do mundo, fazendo abnegação dos empregos e vantagens que a politica podia dar a cada um desses homens.

A abolição na provincia de S. Paulo, não é bandeira de um partido.

Ella está entregue a liberaes, conservadores e republicanos.

A republicanos, conservadores e liberaes.

A conservadores, liberaes e republicanos.

Querer o partido republicano tomar a si a gloria de acabar com a escravidão, é um egoismo sem nome.

Ainda ha bem pouco tempo o governo recebeu uma representação assignada por uma boa porção de republicanos de Campinas e outros logares, pedindo providencias, contra a greve dos escravizados, aconselhada pelos abolicionistas.

O governo não se fez esperar, e um vaso de guerra postado em frente do

porto de Santos e um contingente de linha na cidade de Campinas, satisfez a vontade desses republicanos que se incommodaram com o movimento abolicionista.

Julgam, por ventura estes que assignaram esta representação ao governo que os abolicionistas receiosos da força deixaram de trabalhar.

Engano manifesto!

Si os republicanos tivessem a mesma fé em suas crenças que tem os abolicionistas em suas idéas, então poderia a familia imperial, ir vendo um ninho em qualquer parte do mundo, porque no Brazil se haviam de reproduzir as scenas que se deram no reinado de Luiz Felipe.

Querem agora os republicanos, roncicar com os serviços que não se devem a republica, é dar uma triste copia da sinceridade de suas idéas.

Orientação abolicionista

Depois dos nossos artigos publicados na *Redempção*, tendo sido o ultimo publicado em 20 de Janeiro do corrente anno; apresentou-se na arena o abolicionista que tomou o pseudonimo *Rei-Lorrer* e em uma série de artigos sob o titulo: *EVOLUCIONISMO*, substituindo o plano que apresentamos, refutou energicamente alguns dos nossos argumentos.

Nós, que admittimos que o combate de uma idéa, não faz ella tornar-se falsa si for verdadeira ou verdadeira si for falsa, apreciamos todo o combate leal e cavalheiresco.

Declaramos peremptoriamente que não tinhamos intenção de servir á causa dos escravagistas, apresentando o nosso plano; porque pelo nosso caracter, pelas idéas que aceitamos e pelos principios que professamos, estão bem definidos os nossos sentimentos abolicionistas.

Nos nossos artigos pediamos a abolição immediata; e, consentiamos que o ex-escravo sob a denominação de *contractado*, fosse obrigado a trabalhar durante tres annos, em companhia do *contractante*, o ex-senhor; porém, mediante um salario nunca inferior ao determinado por lei.

Na exposição desse plano, tinhamos em vista:

1. Estabelecer um meio de transição suave entre a condição de escravo e o estado livre.

2. Fazer com que a substituição do braço escravo pelo braço livre se operasse sem a desorganização do trabalho.

3. Crear um meio de aprendizagem—moral e intellectual, á favor dessa classe infeliz que não pôde ficar abandonada aos seus proprios instinctos e á ignorancia mantida pelo regimen da escravidão.

4. Inventar, com o titulo de *contractado* um estado de transição que em nada se assemelhasse ao do escravo actual e que entretanto não os deixasse suppôr que possuem a liberdade abso-luta de ficarem na ociosidade ou de praticarem livremente o mal.

Portanto, apresentando francamente a nossa defesa, declaramos que o nosso projecto ainda é mais abolicionista, tem mais orientação e é mais inspirado pelas leis que regem a evolução das idéas, do que alguns dos projectos apresentados na Assembléa Geral Legislativa e que entretanto foram tão proclamados pela imprensa fluminense.

Aguardamos á successão natural dos factos, o desenlace logico dessa magna questão, para saudarmos o Brazil, como paz livre e digno de ser considerado entre as nações civilisadas.

Venha a abolição immediata ou nos moldes da *Orientação abolicionista de Galnei* ou provocada pelas idéas intransigentes do *Evolucionismo do Rei-Lorrer* é o que desejamos.

Venha quanto antes a abolição immediata, tanto que não se conserve no Brazil, o titulo de escravo—nem cinco annos, nem cinco mezes e nem cinco minutos.

A escravidão é um cancro que está matando o gigante Brazil, arranque-se já esse mal pela raiz.

Salve-se o Brazil, enquanto é tempo!

S. Paulo, 14 de Julho de 1887.

GALNEL.

Castro Alves

Deu-se no domingo passado a sessão sollemne do Gremio Litterario Academico em commemoração ao 16.º anniversario da morte de Castro Alves.

Presidio e abriu a sessão o sr. Dr. Brazilio Machado, contemporaneo e amigo do illustre poeta, pronunciando um bellissimo discurso.

Em seguida foi dada a palavra ao orador do Congresso Abolicionista Academico, o Sr. Victor da Silva Ayrosa, quinto-annista da Faculdade de Direito, que considerando Castro Alves como poeta e abolicionista, desempenhou o seu mandado energico e brilhantemente.

Fallaram mais, em nome do club Liberal, o sr. Lima Drumond em nome do Circulo dos Estudantes Catholicos, o Sr. Mario Vianna, em nome do Club Galvão Bueno, o Sr. Oliveira, em nome do Gremio Litterario o Sr. Fonseca, recitando tambem uma poesia de sua lavra o sr. Saturnino Seixas.

Mui digno de applausos esta festa da mocidade academica em homenagem ao poeta dos escravos, o author do *Navio Negroiro*.

Filiação desconhecida do «Correio Paulistano»

O *Correio Paulistano* com o descuramento proprio de uma folha que vive ás *sopas* do governo e que é redigida por empregados do dito, no domingo traz o seguinte puff:

FILIAÇÃO DESCONHECIDA

«Sabemos que o exm. presidente da provincia, respondendo a uma consulta do juiz municipal do termo de S. João do Rio Claro, estabeleceu a doutrina que—o escravo matriculado com a nota de *filiação desconhecida* não faz jus só por este facto, á restituição á liberdade.

Essa decisão é de grande alcance juridico e social.»

Si a questão está affecta ao poder judiciario, que direito tinha o sr. presidente da provincia de vir metter os narizes nessa questão?!

O *Correio Paulistano* escreve: ESSA DECISÃO É DE GRANDE ALCANCE JURIDICO E SOCIAL.

Si se tratasse de...

plantar café, si a questão fosse da forma de castigar um escravo rebelde, que não quer trabalhar de graça, si se tratasse de prender pretos fugidos, dando providencias energicas, si a questão fosse da forma de alimentar os escravos, substituindo o angú e feijão por abobora e capim fino, então diríamos:

S. exc. o sr. visconde de Parnahyba é competente porque depois de formado, tendo-se dedicado exclusivamente a agricultura é um habilissimo lavrador e portanto a sua palavra nessa questão é de uma autoridade extraordinaria.

Mas, querer o *Correio Paulistano* afirmar aos seus leitores e ao publico, que essa decisão dada pelo sr. visconde de Parnahyba, sobre consulta de um juiz municipal do Rio Claro, que naturalmente foi designado para isso é de um grande alcance juridico e social?

E' realmente uma asneira!!

Magistrados projectos, juriconsultos de nota, tem entendido, que a filiação desconhecida para o escravo que é brasileiro é a prova mais cabal de sua liberdade.

Que competencia tem o sr. visconde de Parnahyba para nullificar essas luminosas decisões e sentenças que todos os dias estão publicando os jornaes da corte?

Essa decisão que, segundo diz o *Correio Paulistano*: *E' de grande alcance juridico e social*, depõe muito contra o senso do exm. visconde de Parnahyba que, sendo fazendeiro e muitos escravos nessas condições, veio dar uma triste copia de que é o senhor do escravo neste paiz, tornando se juiz em causa propria

Si a questão está affecta ao poder judiciario, que competencia tem o poder administrativo para declarar aos juizes desta ou daquella forma.

Publique o *Correio Paulistano*, essa peça de architectura juridica e social, porque nós como Jeremias, qual Jeremias debruçado nas ruinas de Jerusalem vemos as desgraças de nossa patria!

Que magistrado honesto será capaz de vergar-se á decisão de um homem que aproveita-se para coagir juizes a decidir o direito de conformidade com a sua vontade?

UNICA NA PROVINCIA E sem competidor

Camisaria Especial RUA DA IMPERATRIZ, 55 S. PAULO

SORTIMENTO

immenso em roupa branca para homens e meninos

Em preços

NINGUEM PODE COMPETIR

Quando foi conhecido o sr. dr. Antonio de Queiroz Telles, actualmente visconde de Parnahyba e presidente desta provincia como jurisconsulto!

Pois então póde um homem, porque está collocado nos pincaros do poder vir afirmar que a sentença dada pelos juizes e os pareceres da maioria dos advogados não valem nada: unicamente porque s. exc. e seus parentes e adherentes, possuem brazileiros, que nasceram livres, reduzidos á escravidão?

Quem é esse juiz do Rio Claro, que consulta uma questão de direito com o presidente da provincia!!

O Correo Paulistano deve publicar essa peça, porque nós queremos analysal-a miudamente, para ficar bem patente que a escravidão é uma instituição tão má que até obriga caracteres serios a fazer papeis tristes.

Promessa de liberdade

De tempos a esta parte, alguns fazendeiros, em logar de dar carta de liberdade a seus escravos e registral-as para produzir effeitos juridicos, limitam-se apenas, a prometter liberdade áquelles que por espaço de quatro annos (!) prestarem bons serviços.

O proprio senhor quer se constituir em causa propria!

Quem devé julgar dos bons serviços do escravo?

No fim de quatro annos, um nababo desses, affirmará ao publico que os escravos não prestaram bons serviços, os advogados não pegarão nas causas com medo de serem expulsos do lugar, e os juizes quasi sempre creaturas dos fazendeiros, verão esses infelizes continuarem a ser escravizados, sem ter animo de decidir qualquer questão de direito.

Quizes não foram matriculados, sem nunca terem sido escravos?

Si em nosso paiz, a magistratura fosse independente, já a escravidão tinha desaparecido completamente.

Não se levem os abolicionistas do interior que trabalham connosco na grande causa da redempção dos escravos, por essas promessas de liberdade.

Continuem com o exterminio da escravidão; temos affirmado mais de uma vez que o dia de gloria está chegando.

Tudo quanto os escravocratas tem feito até hoje, que nada tem sido para nós, é dividido unicamente aos nossos esforços e ao nosso trabalho.

Continuem a propaganda sem medo, porque mais vale uma morte honrada, do que uma vida deshonrada.

A morte de um abolicionista, será o nascimento de milhares.

Lembrem-se da fé dos apóstolos quando pregavam a doutrina de Christo.

Aquelles que tiverem fé na missão não morrerão eternamente.

Essas promessas de liberdade são engodos, que tem por fim eternisar essa maldita instituição.

Lorena

UM CAPITÃO DO MATTO

Nessa cidade existe um biltre por alcunha Catuco, que tem-se celebrizado por façanhas e altos feitos na sua vil e repugnante vida de capitão do matto.

Moço e robusto, com garça de valentão, porém, vadio e malandro, este desgraçado, cara de réu, persegue sem compaixão á pobres pretos inermes, levando a sua audacia ao ponto de prender homens livres por suspeita de serem escravos; isto sem que o enérgico delegado de policia ponha cobro nos desmandos do malvado.

Catuco, caboclo preto e mal encarado, de cara sphilitica diz abertamente que a profissão de capitão do matto é mais rendosa que a do rabo de quambú.

Raro é o dia em que não entre por esta cidade um misero preto, andrajoso e no rosto emmagrecido os signaes deleveis das torturas da fome e das gillias, escoltado por esse scelerado,

que, impunhando um grosso cabo de relho, ameaçando céus e terras, leva sua victima ao deposito publico (cadêa) e pouco se importando da sorte que aguarda o infeliz.

Verdadeiro cara-dura, esse patife, é uma affronta, uma ameaça, um perigo para a população pacifica dessa cidade.

O delegado de policia de Lorena prestaria um relevante serviço á sociedade si mandasse vir á sua presença este animal e encostasse-lhe um termo de bem-viver, por vagabundo.

Daremos em numeros posteriores do nosso jornal a biographia de outros capitães do matto residentes nessa cidade.

Jundiahy

Nessa cidade continua a dar-se o triste espectáculo, que diverte extraordinariamente aquella malvada povoação. Cada vez que chega o trem do interior o chefe da estação Ingleza abre os carros, para serem postos para fóra os passageiros pretos e mulatos que transitam.

Este espectáculo horripilante é acompanhado de muitas gargalhadas, que dão os desoccupados que enchem a gare da estação.

Algum dia, estes que hoje se riem, hão de chorar. Temos fé em Deus.

Outr'ora os christãos serviam de espectáculo ao paganismo e a festa subia de valor quando esses martyres eram despedaçados pelas feras nos circos de Roma.

Jundiahy que não póde sustentar uma companhia reles de cavalinhos, hoje tem um circo onde a classe mais elevada daquelle sociedade decadente vae tomar barrigadas de riso, vendo a furia com que os capitães do matto,

pobres que procuram recuperar a liberdade que lhes foi roubada!

O circo é a estação Ingleza!

Não é raro ver-se ali um barão todo cheio de si, servindo de palhaço para divertir o povo nos intervallos desse espectáculo nojent, proprio do logarejo mais atrazado do imperio!

Parece que ali ha só duas classes de homens: senhores e escravos, pois de outro modo não podemos comprehender, como não se revoltam aquelles que não possuindo escravos assistem a espectáculo tão repugnante!

E' preciso que os abolicionistas do interior aconselhem a esses infelizes que nos procuram, á tomarem outra vereda e que se reunam e caminhem em numero tal, que cauze respeito aos capitães do matto, tanto de farda, como sem ella.

Quem trabalha por causa tão justa e santa, não deve ter medo da morte.

A morte, de todos os males, é o que menos afflige aos apóstolos da liberdade.

Continúe a rir-se o povo de Jundiahy.

Quem por ultimo tiver de rir-se o fará com mais gosto.

Corpo de Urbanos

O augmento desse corpo, decretado pela Assembléa Provincial, não melhorou em nada o policiamento desta capital.

Mais vale um homem serio como urbano, do que trinta vagabundos.

Si o Ex. chefe de Policia, e o commandante do corpo, tivessem esculpulo na escolha do pessoal, este corpo prestaria importantissimo serviço.

Soldados expulsos de outros corpos, vagabundos conhecidos, jogadores de vermelhinha, bebados professo são admittidos como urbanos, desacreditando uma instituição, para a qual outr'ora só aceitava-se homens de boa conducta.

Temos ouvido de mais de um urbano, que ali mesmo dentro do corpo, dão-se furtos!

Os urbanos serios, estão se retirando porque não se querem parilhar com esses trantantes que são admittidos ali.

Augmentar a força, com homens que precisam ser vigiados, será uma

ostentação, de luxo sem utilidade para o serviço publico.

Conhecemos individuos mal encarados que envergam a farda de urbanos, e alguns descarados que tambem a envergam.

E' preciso que o Ex. chefe de Policia, para admittir um individuo naquelle corpo, não se leve por cartas de entidades politicas.

Aqui é costume fazer-se tudo pela vontade unica dos adeptos da união conservadora.

Uma carta do Dr. Abranches, Paulo Egydio, e outros é bastante para que qualquer vagabundo, seja engajado no corpo de Urbanos.

Ha poucos dias assistimos no largo do Chafariz, um espectáculo edificante: Era um sargento de bombeiros dando um espectáculo gratuito de equilibrio.

O estado da cabeça desse individuo era tal, que o corpo não podia sustentar o seu pezo.

Reunio-se muito povo para assistir aquelle espectáculo.

Si houvesse nessa occasião um incendio, como essa pobre alma poderia entender os signaes dados pelo corneta do corpo?

Tambem, entre os urbanos, existem individuos que tem o titulo de secreta, que nas tabernas dão espectaculos de equilibrio, como deu esse pobre sargento no Largo da Misericordia.

Ponha o Sr. chefe de Policia, essa gente ruim fóra do corpo e verá que hão de desaparecer todas essas desordens, que se dão n' sta cidade e que muito envergonham a nossa policia.

No corpo de urbanos, felizmente ha muita gente boa, ainda que se envergonha de envergar a mesma farda que envergam alguns vagabundos ga-

Carne humana

Somos informados que hontem pelo trem do norte, chegou um negociante de carne humana, trazendo algumas mercadorias que pretende vender no oeste da provincia. Esse patife passou fuscamente com cinco capangas armados de espingardas de dous canos, como se esta capital fosse um sertão.

Admira-nos a coragem e a pouca vergonha desses cachorros ainda usarem desse torpe officio, quando no oeste todos os fazendeiros se esforçam em redimir seus escravos

Não conhecemos esse mercador de carne humana... mas ainda havemos de fazer os pretos escarrarem nessa cara.

Errata

Na Carta de Caçapava, publicada em o nosso numero passado, leia-se:

Na linha 37 (1ª columna) — quem d'ella foi arrancado; na 48 (3ª columna) — porque neste imperio, etc.; na 53 (3ª columna) — dignidade arranhada, etc.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Faz annos onde estiver o Juca Ortiz, vendedor de carne humana.

Fazem annos na Bocaina os seguintes caboclos, que por vadios se occupam em officio de capitães, matto: Cananêa Manoel Monteiro, Joaquim José, Francisco da Cruz, José Garcia, vulgo hespanhol, todos fazem annos, por atacado e a varejo.

Em Santa Isabel, fazem annos: 1.º o professor escravocrata Bittencourt, ficando para fazer annos minutos depois o capitão sem patente Arthur Porto e depois que se acordar fará annos o seu capanga Claro Rodrigues.

Faz annos o Benedicto Ferrador no mesmo logar hora e dia.

Fazem annos nesta capital, Ignacio Rezende e Antonio Rezende conductores de negros escravos para Brotas.

Em S. João do Rio-Claro fazem annos juntos ou separados, separados ou juntos

e vice-versa até o infinito. José Luiz Borges e José Firmino de Oliveira aquelle liberal este republicano, todos muito bons para os escravos. major Batata sereitando.

Faz annos, nesta capital, onde vem a cata de pretos fugidos o Carneiro de Bragança, noivo condicional.

Fazem annos, os cocheiros dos carros 82 e 22, que se prestaram a conduzir pretos e capitães do matto da rua Florinda a L7.

Faz annos, pela segunda vez, o celeberrimo Juca Ortiz, negociante de carne humana, até que entre para alguma latrina, como o Victorino de Menezes.

Faz annos, em Mogy das Cruzes, o Pinto Gerinçõa dando bicada nos pintinhos e furioso por ter dado liberdade contra vontade, aos escravos do sogro.

Tambem fazem annos, no mesmo logar, as autoridades que prenderam escravos para serem vendidos ao tal Ortiz.

Fazem annos, nesta provincia, todos aquelles que dão liberdade a escravos com prazo de mais de dous annos.

Fica esperado em Mogy, para fazer annos, depois de acordado, o Perdigão, que guerreia um cunhado por ter promovido contra a sua vontade a liberdade de dous escravos; ficado esperado o sexagenario que lhe presta serviços, para quando serenar.

O Cascão Cascãozinho Casca-dura, faz annos até crescer...

O Randolpho, de bigodes, faz annos, de oculos, para espiar bem o diuheiro que recebeu sem nada fazer.

Na Limeira, ficam esperados os escravocratas nacionaes e estrangeiros, para serem bisados nos numeros seguintes.

Antonio Americo, faz annos, quer chova, quer faça sol.

Antonio Parahy, caboclo capitão do matto; ficando esperado para quando vier á S. Paulo fazer annos com um bom cristel.

Tambem faz annos em Caçapava, negro Sebastião...

Fica esperada a entrega de seu partido.

GRANDE KERMESSE

Organizada pelo Congresso Abolicionista Academico

DOMINGO, 17 DO CORRENTE

Com a presença de 10 bandas de musica

ENTRADA FRANCA

PROGRAMMA

As 3 horas da tarde reunir-se-hão, no largo de S. Francisco, todas as sociedades e corporações existentes n'esta capital, com os seus estandartes.

Reunidas ao corpo Academico, depois de percorrerem as principaes ruas desta capital, dirijir-se-hão ao Jardim Publico, dando-se então a abertura da kermesse.

O Jardim estará completa e ricamente enfeitado com bandeiras, arcos, lindas barraquinhas, coretos, etc., etc.

A Sociedade Salamanquina passeará pelas ruas adornadas do Jardim, cantando barcarolas, lindos lundús e canções espanholas.

Commissões de distinctas senhoras e cavalheiros dirijirão o festival. Leilão de escolhidas prendas, exercicios gymnasticos por um grupo de amadores do Real Club Gymnastico Portuguez, corridas em saccos, tiro ao alvo para homens e crianças, tombolas, emfim toda a sorte de divertimentos proporcionarão ao povo paulistano horas agradabilissimas.

A Loja do Japão, em homenagem a tão humanitario festival graciosamente tomará parte, enviando ás plagas chinezas, durante o dia e a todo momento, extraordinarios balões sob, a fórma de anões, phantasmas, gigantes, polichinellos, bois, cabritos, camellos, etc., etc.; e, durante a noite, outros balões nunca vistos n'esta capital, queimando tambem lindos fogos cambiantes.

A' noite o Jardim será completamente illuminado á luz electrica, á arcs de gaz e á giorno.

Subirá as alturas infinitas um enorme balão, levando comsigo entre fogos diversos uma surpresa extraordinaria.

A commissão de festejos pede a presença das exmas. familias d'esta capital e do povo paulistano em geral.

ENTRADA FRANCA

Domingo, 17 de Julho

GRANDE KERMESSE

No Jardim Publico

7\$000

Capas de lã modernas para o frio.

15\$000

Capas de merinó preto, muito enfeitadas.

15\$000

Waterproofs de lã, modernos.

25\$000

Waterproofs de casemira em todas as cores e padrões.

30\$000

Vestidos de zephir, feitos pelos ultimos figurinos

40\$000

Vestidos de lã e merinós pretos ou de cores, enfeitados com rendas, vidrilhos etc., na grande officina de costuras e confecções

LA SAISON

Travessa do Grande Hotel, 2

Industria Nacional

Só na casa Pomona
Biscoutos, lata, 1\$160.

VICENTE P. GUIMARÃES

LARGO DO MERCADINHO 8

Grande

foi o sortimento de calçados que da Corte trouxe agora o proprietario do Guarany

De entre a enorme variedade especialisaremos os seguintes e afamados autores: CLARK, para homem e senhora; BOSTOK, idem; POLLAK VENCEDOR; idem; e muitos outros, vende-se tudo com grande redução de preços, por ter o anunciante feito grandes e vantajosas compras.

AO GUARANY

42—RUA DA IMPERATRIZ—42

Typographia União

LARGO 7 DE SETEMBRO

Nesta bem montada officina encarregase de fazer todo e qualquer trabalho concernente a arte typographica por preços razoaveis.

S. PAULO

PADARIA 7 DE SETEMBRO

DE

ANTONIO MARTINS DE OLIVEIRA

2, Rua da Imperatriz, 2

VENDE-SE FARINHA DE TRIGO POR ATACADO

esco hido sortimento de roscaes, biscoutos, superior chá Hysson e nacional, manteiga de diversas marcas, etc

Grande sortimento de molhados, como sejam: vinhos portuguezes e francezes, cervejas, licores finos, etc., os quaes se venderão por atacado.

S. PAULO

8

Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

O seus numerosos amigos e freguezes a **Loja do Rocha** previne que acaba de receber completo sortimento de calçado Ferris e outros fabricantes da Europa, e avisa que é o unico depositario do calçado Klark & Comp. (Travessa do Ouvidor n. 35, Rio de Janeiro.)

GRANDE OFFICINA DE CALÇADOS FINOS

LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

PROPAGANDA SEPARATISTA
SÃO PAULO INDEPENDENTE
POR
MARTIN FRANCISCO
500 RS.
Em todas as livrarias

THEATRO DO POVO

A NOIVA DE SSESSENTA ANNO
COMEDIA EM 3 ACTOS
Vende-se á rua da Imperatriz, 31
CHALET, MASCOTTE

A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de casemira franceza, forrada de seda la dernière mode, sobretudos de panno piloto, castor e diagonal.

Cavours, ponches, polainas impermeáveis a 8\$000!! Anderson Abotti, fabricante em Londres



Chales mantas, colletes de malha, cobertores para viagem, lençãos de seda e de lã e muitos outros artigos proprios para o frio.

Costumes á marieira e de casemira, sobretudos, camisas de meias, gravatas, collarinhos para crianças de 3 a 12 annos.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINO & COMP.